

AFIRMAÇÕES METAPSICOLÓGICAS SOBRE AS INSCRIÇÕES DO TEMPO NO APARELHO PSÍQUICO: BONAPARTE E LAPLANCHE

Sarug Dagir Ribeiro¹



10.56238/rcsv14n5-001

RESUMO

O objetivo é fazer funcionar via Laplanche as especificidades das inscrições do tempo no aparelho psíquico a partir da afirmação bonaparteana de que o tempo é como uma intrusão estranha e ameaçadora imposta a nós por adultos quando crianças. A pertinência desta pesquisa é sua escolha metodológica ao analisar tal assertiva por meio da teoria da sedução generalizada - TSG e da noção de mensagem. Nossos resultados preveem que o inconsciente não permanece alheio ao tempo, apesar de sua atemporalidade. A sensação do tempo infinito traz não apenas a sensação de imortalidade ilusória, mas também nos leva à comoção de sermos tomados sem controle no ritmo temporal e atemporal do prazer e do desprazer no aparelho psíquico.

Palavras-chave: Inconsciente, Mensagem, Outro, Tempo.

1 INTRODUÇÃO

A crescente fragilidade física e dependência dos cuidados de outros adultos que geralmente ocorre na velhice leva à reabertura da situação antropológica fundamental (Laplanche, 1992), condição originalmente vivenciada por bebês em total sujeição aos cuidados de cuidadores adultos. Assim, nesse cuidado, os bebês são submetidos a mensagens comprometidas com a sexualidade inconsciente dos adultos a eles dirigidas². As mensagens são sentidas como traumáticas justamente por seu caráter enigmático (sexual) e constituem "o grande motor do processo de simbolização" (Tarelho, 2017, p. 28). Assim, nossa hipótese é que o tempo pode adquirir o status de uma mensagem (que vem do outro), portanto, é suscetível à inscrição psíquica (Bonaparte, 1939; Ribeiro 2021; 2022; Santos & Ribeiro, 2022), tese que inicialmente reconhece as limitações e dificuldades freudianas em torno da temporalidade na metapsicologia.

¹ Professora Doutora Adjunta II do Curso de Psicologia da UFT
Doutora em Psicologia pela UFMG
Psychologa Clínica (CRP-23:002111)
Membro do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP), desde 2020
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8251-6710>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5176917715185618>

² O que na teoria laplancheana é chamado de Teoria da Sedução Generalizada (GST), que do meu ponto de vista não é um método, mas sim uma teoria explicativa do aparelho psíquico baseada no papel da alteridade. O método laplancheano é realizado por meio da chamada revolução copernicana inacabada (Laplanche, 2008a) na leitura de textos freudianos nos caminhos pestolemaicos do desvio biologizante, ou seja, a tentativa de explicar o funcionamento psíquico vinculando-o a causas biológicas e não à história libidinal do sujeito. E, nos caminhos copernicanos, que preservam as noções de primazia do sexual (primazia do outro/sedução) e do inconsciente. Para uma melhor compreensão, sugiro a leitura de Ribeiro & Belo (2018).

Assim, este trabalho se divide da seguinte forma: na primeira seção, abordamos os aspectos do tempo na metapsicologia freudiana (Freud, 1900/2017; 1950[1895]/1996), demonstrando que mesmo que o inconsciente permaneça atemporal, isso não significa que não haja inscrição do tempo no aparelho psíquico. Nessa linha de raciocínio, a estruturação espacial do aparelho psíquico (inconsciente/pré-consciente/consciente) é fundamental para a compreensão do funcionamento psíquico do tempo. Na segunda seção, apresentamos a tese do tempo implantado como mensagem, resultado de nossa interpretação via Laplanche (TSG) do enunciado bonaparteano que afirma que o tempo é como "uma intrusão estranha e hostil imposta pelos adultos" (Bonaparte, 1939, p. 61) às crianças. A terceira e última seção apresenta as especificidades do tempo na velhice, o tempo infinito que, em vez de ser percebido como um tempo assassino, é sentido como um tempo imortal. E o esgarçamento do self como uma das contingências vivenciadas por sujeitos muito idosos (Matos & Belo, 2021; Carvalho, 1996) que tomam a desafinação temporal do prazer-desprazer do aparelho psíquico ameaçador.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Freud (1915/1976a) nos lembra que o inconsciente é atemporal, não conhece o tempo, nem tem nenhum conceito intelectual de tempo. Uma vez que todo conceito é uma aquisição tardia do intelecto, o inconsciente não pode saber nada sobre o tempo. O inconsciente permanece inalterado apesar da passagem do tempo. É curioso como as emoções da infância, cheias de memórias patogênicas, agem sobre um homem de oitenta anos como se o tempo não tivesse passado, permanecendo inalteradas no inconsciente por um período indefinido.

Existem aqueles que se opõem à tese do inconsciente atemporal? Bonaparte (1939) diz conhecer um colega psicanalista que levanta algumas objeções a essa tese freudiana, a primeira das quais é que:

Quando dormimos e caímos sob o domínio do inconsciente, podemos manter a noção do tempo a ponto de alguns dorminhocos poderem acordar sozinhos após um certo período de sono. O inconsciente sente o tempo fluir, por isso acorda em uma determinada hora exata (Bonaparte, 1939, p. 75, tradução minha)

Essa situação pode acontecer quando um trabalhador que precisa acordar muito cedo todos os dias para ir trabalhar, sem a ajuda de um despertador, acorda sozinho, por exemplo, rotineiramente às 4h30 da manhã.

A segunda objeção, tomando como exemplo o trabalho dos sonhos, afirma que:

O sonho, essa estrada real, segundo Freud, que leva ao inconsciente, não sabe prescindir do espaço e do tempo! O espaço é muito evidente, porque o sonho é geralmente visual e a imagem é projetada no espaço. Ora, embora o espaço muitas vezes pareça abolido no sonho, na verdade ele está sempre lá, nas dobras das imagens oníricas mais incoerentes. Mesmo onde as

demandas temporais parecem não existir mais e os anos ali se contraem em um único instante de aparente abolição do tempo. Mas, qualquer que seja a distorção que o tempo sofra em um sonho, é sempre o tempo. Portanto, essas formas inelutáveis de nossa percepção, tempo e espaço, são salvas no inconsciente (Bonaparte, 1939, p. 75-76).

Assim, esse argumento afirma que, enquanto sonhamos, o tempo é apenas perturbado, mas continua a agir intrapsiquicamente, uma vez que as percepções de espaço e tempo subsistem no inconsciente.

A terceira afirmação toma a neurose obsessiva como exemplo, uma vez que:

... O ego obsessivo tem uma rigidez muito específica. A atemporalidade que emana do inconsciente traz ao seu ego, que tem um sentimento agudo de posse do tempo, um enorme conflito. [...] E esse conflito se torna uma das bases de seu temperamento conflituoso. A obsessão pelo tempo no neurótico obsessivo geralmente não cede nem mesmo no confronto final com a própria morte (Bonaparte, 1939, p.78).

Por sua vez, essa atitude bizarra e contraditória nos obsessivos deve estar relacionada à sua percepção de posse do tempo. Uma patologia do tempo pode, portanto, ser causada por uma incapacidade de integrar o tempo na representação e perspectiva de ação, ou por uma fixação em um estilo temporal em detrimento de outros, resultando em uma representação elaborada, mas enfadonha. Teríamos, portanto, patologias devido ao excesso de assuntos atuais, dos quais algumas neuroses como a histeria são o protótipo, ou patologias devido à estereotipia monótona, como nos obsessivos.

Esses dois eixos – a extensão do tempo, o horizonte temporal disponível para o indivíduo e as figuras espaciais por meio das quais o sujeito os utiliza para organizar sua ação – poderiam ajudar a redefinir toda essa psicopatologia do sujeito obsessivo com o tempo. Justamente nesse contexto, Bonaparte (1939) alude à física quântica e considera que tipos de "quanta psíquicos" (p. 77, tradução nossa) são formados no aparelho psíquico do indivíduo obsessivo que irrompem do inconsciente para o sistema pré-consciente, até chegar ao sistema consciente. Seria esse fato que perturba a relação com o tempo nesses indivíduos. Em outras palavras, tudo acontece como se um curto-circuito fosse produzido no regime representacional do neurótico obsessivo entre a posse obstinada do controle obsessivo do tempo (nos sistemas pré-consciente e consciente) e a atemporalidade do sistema inconsciente. Perguntamo-nos se isso não seria uma forma de 'temporalização' do tempo, como a 'objetificação esquizofrênica'? O segundo trata da patologia da linguagem na relação entre psicanálise e linguagem ou linguística, enquanto o primeiro trata de uma defesa contra o tempo visto como um "Pai castrador" (Assoun, 1996, p. 210). Para Bonaparte (1939) "o tempo em si está além de toda experiência" (p. 103), nesse sentido, a física quântica demonstrou que o tempo tem uma relação íntima com a realidade profunda do universo!

Estudos sobre o tempo na psicanálise têm sido realizados na atualidade, e importantes considerações já foram feitas sobre as elaborações de Lacan sobre o tempo lógico na gestão do tempo

no tratamento psicanalítico (Pimenta, 2014; Garcez & Cohen, 2011; Fingermann, 2009; Askofaré, 2008; Raoult, 2006; Gondar, 2006; Santiago, 2004; Lacan, 1945/1998). Sabemos que diferentes concepções psicanalíticas sobre o tempo implicam diferentes pontos de vista sobre a constituição subjetiva, bem como diferentes estratégias clínicas. Por sua vez, mais recentemente, os quanta psíquicos têm sido explorados (Ribeiro, 2022; 2021; Santos & Ribeiro, 2022; Careggio, 2018; Baixo, 1997; Farjani, 2013; Martin, Carminati & Carminati, 2013). Alguns dos resultados desta pesquisa apontaram para a conclusão de um campo quântico mental universal, subjacente a todos os processos mentais. Assim, os sistemas e mecanismos que formam o aparelho psíquico, sejam eles os sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente, ou mesmo a própria pulsão, podem ser quantizados (Ribeiro, 2022). Mas, afinal, o que isso implica? Se tomarmos a teoria da ressonância magnética nuclear (RMN) como metáfora, podemos imaginar que tanto o movimento de carga e descarga sob a égide da facilitação (Bahnung), quanto o sistema de neurônios: ϕ (sensação, percepção) e Ψ (memória) (Freud, 1950 [1895]) / 1996), funcionariam como um conjunto de qubits quânticos dentro do aparelho psíquico. Assim, um qubit de um sistema, seja o inconsciente (Ub), pode evoluir temporalmente para outro sistema, como o sistema consciente (Bews), e vice-versa, assim como o comportamento do emaranhamento quântico. De acordo com Ribeiro (2022), a ideia de quanta psíquico aponta para uma representação espaço-temporal dos processos mentais a partir da noção de função de onda e campos quânticos.

Contribuições visionárias sobre o tema dos quanta psíquicos podem ser encontradas no manuscrito de Bonaparte (1939), que na época era supervisionado pelo próprio Freud. Na ocasião, informou-o de que em alguns pontos da reflexão sobre o tempo e o inconsciente, a princesa Maria estava certa (Bonaparte & Freud, 2022). Vejamos o que Freud diz:

"A percepção do espaço", acrescentou Freud, "não pode ser separada da percepção do tempo". (...) A psicanálise, de fato, nos ensinou a finalmente reconhecer na psique várias instâncias que somos obrigados a representar para nós mesmos. Pode-se dizer que a espacialidade vem de uma introjeção dentro de nós, do espaço sideral, do espaço exterior. Assim, o espaço do mundo exterior seria projetado a partir do nosso espaço interno, como também ocorre com o tempo (Freud citado por Bonaparte, 1939, p.102, [grifo do autor], tradução minha).

E aparece em uma carta de Freud a Bonaparte datada de 27 de maio de 1937, o seguinte:

Há uma área em que os limites pertencem tanto ao mundo externo quanto ao ego: nossas superfícies perceptivas. Assim, pode ser que a ideia de tempo esteja ligada ao funcionamento do sistema consciente e pré-consciente. Kant, então, estaria certo se substituíssemos seu antigo a priori por nossa introspecção mais moderna do aparelho psíquico. O mesmo deve ser verdade para o espaço, causalidade, tempo, etc. (Freud citado por Jones, 1989, p. 451).³

³ Essa mesma carta encontra-se nas páginas 925 e 926 de Correspondance intégrale entre o pai da psicoanálise e a princesa Marie (Bonaparte & Freud, 2022).

Do nosso ponto de vista, o aspecto mais promissor dessa discussão diz respeito à concepção de quantum psíquico⁴, cuja base se situa na breve conjunção de afinidades entre física quântica e psicanálise. Reconhecemos humildemente que mais estudos são necessários para que a pesquisa esclareça melhor as implicações dos quanta psíquicos no edifício metapsicológico freudiano. Bonaparte (1939) nos oferece o seguinte esclarecimento:

Nossa percepção interna seria apenas uma continuação do que é projetado para fora, portanto, nosso protótipo de tempo. Durante o sono, esses investimentos seriam retirados, daí a abolição do tempo durante o sono. No entanto, o tempo renasce durante o sono como uma percepção alucinatória. [...] Pode-se acrescentar que na fragmentação mensurável do tempo os quanta psíquicos são restabelecidos (p.103, tradução minha).

Tomando o modelo metapsicológico mecanicista do aparelho psíquico (Mezan, 2019; Freud, 1950[1895]/1996) com suas duas extremidades, uma perceptiva (W = percepções; Wz = indicação de percepção) e o outro motor, "chamamos o sistema que está por trás dele de inconsciente, uma vez que não tem acesso à consciência exceto através do pré-consciente, uma passagem que força seu processo excitatório a tolerar mudanças" (Freud (1900 [2017], p. 569). O funcionamento entre os sistemas: consciente/pré-consciente/inconsciente pode agora depender do domínio de um sobre o outro, uma vez que "o que é decisivo nessa representação tópica é a ideia de uma orientação espacial constante dos sistemas, um em relação ao outro, como lentes de telescópio" (Assoun, 1996, p. 59-60). E é a depender dessa oscilação que o tempo como traço onde ele pode ser inscrito e representado, uma vez que "esse modo descontínuo de trabalho do sistema pré-consciente-consciente é a base para o aparecimento da representação do tempo" (Laplanche, 2008b, p. 364). Essa afirmação é inspirada na comparação do funcionamento do aparelho psíquico com o mecanismo do bloqueio mágico, oportunamente explorado por Freud (1925[1924]/1976c). Sabe-se que o bloco mágico é um dispositivo composto por dois elementos em contato precário, entre a memória de cera e a folha voadora, e nada é expresso se essas duas partes deixarem de estar em contato. Para que algo seja expresso, deve haver uma certa relação de tensão entre as duas partes. Assim, por um lado, há o dispositivo que armazena os traços duradouros e, por outro lado, o dispositivo que gera a atualização de novos traços que desaparecem cada vez que o contato próximo entre o papel que recebe o estímulo e a placa de cera que preserva sua impressão é quebrado. Assim, é nessa "estrutura sincopada que se inscreve a representação do tempo" (Assoun, 1996, p. 129).

Freud (1915/1976a) afirma que o processo de repressão não visa destruir uma ideia que representa uma pulsão, mas sim impedir que ela se torne consciente, permanecendo em um estado inconsciente. Lembremo-nos de que uma pulsão nunca pode se tornar um objeto de consciência, mas apenas por meio de uma ideia ou na manifestação de um estado afetivo. E suprimir o desenvolvimento

⁴ Para quem quiser saber mais sobre este tema, sugerimos a leitura: Santos e Ribeiro (2022) e Ribeiro (2022).

do afeto constitui o propósito da repressão. No entanto, mesmo após a repressão, a ideia continua a existir no sistema inconsciente. No entanto, uma distinção merece ser apontada: as ideias são catexias (traços de memória), enquanto os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. Só conhecemos o inconsciente através de algo consciente, depois que algo sofreu transformação ou tradução em algo consciente. Assim, "as ideias conscientes e inconscientes constituem registros distintos, topograficamente separados, mas de mesmo conteúdo" (Freud, 1915/1976a, p. 180). A transição do sistema inconsciente para o consciente outro sistema não é processada pela realização de um novo registro, mas por uma modificação em seu estado, uma alteração em sua catexia. No inconsciente existem apenas conteúdos catexizados com maior ou menor carga de força. Existem mecanismos específicos do sistema inconsciente, por exemplo, através do processo de deslocamento, uma ideia pode desistir de toda a sua cota de catexia para outra; Através do processo de condensação, uma ideia inconsciente pode se apropriar da catexia de várias outras idéias.

Para Freud (1915/1976a), outra característica importante do sistema inconsciente é que ele não é temporalmente ordenado e não muda com o passar do tempo. Cabe ao sistema pré-consciente efetuar uma possível comunicação entre os diferentes conteúdos ideacionais para que eles possam influenciar uns aos outros a fim de dar-lhes uma ordem temporal, na qual a censura desempenha um papel fundamental. A censura entre os sistemas pré-consciente e inconsciente é decisiva para o processo de conscientização.

Pois o que somos inclinados a considerar evidente e que definimos como uma influência primária do tempo sobre os restos mnemônicos psíquicos – o desvanecimento das memórias e a fraqueza afetiva de impressões que não são mais recentes – são, na verdade, modificações secundárias que são provocadas por meio de um trabalho doloroso. É o pré-consciente que faz esse trabalho, e a psicoterapia não pode seguir outro caminho senão o de submeter o inconsciente ao domínio do pré-consciente (Freud, 1900 [2017], p. 606).

De acordo com Freud (1900/[2017]), a passagem do conteúdo inconsciente para o sistema pré-consciente e para o sistema consciente é mais fácil do que o contrário e ocorre por meio do trabalho de condensação, deslocamento, figuração presente nos sonhos, ou mesmo esquecimento, lapsos de língua e piadas em sessões de análise, entre outros. Por outro lado, "o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos de conhecimento consciente deve permanecer psiquicamente inconsciente" (Freud, 1915/1976a, p. 172). Sabemos que no estado de vigília o inconsciente não penetra totalmente no que constitui nossa vida cotidiana, isso se deve ao trabalho de censura do pré-consciente, cuja existência "o sonho nos revelou" (Laplanche, 1993, p. 42). No entanto, "a subjugação do inconsciente pelo pré-consciente não é completa; a medida dessa repressão fornece o grau de nossa normalidade psíquica" (Freud, 1900 [2017], p. 609). Vale ressaltar a importância do pré-consciente, uma vez que atua como uma barreira entre o inconsciente e o consciente. No entanto,

nada é registrado no inconsciente se não estiver na relação de pelo menos dois eventos separados no tempo por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de maneira diferente à memória da primeira experiência. Esta é a chamada teoria de um a posteriori (Nachträglichkeit) ou trauma em dois tempos. O primeiro é o momento de terror em que o sujeito é confrontado com uma ação sexual altamente significativa, mas não está preparado para compreendê-la ou traduzi-la (Cardoso, 2017). Portanto, essa memória permanece suspensa, só se tornando traumática quando é revivida por ocasião de uma segunda cena que entra em ressonância associativa com a primeira. A direção do vetor do tempo é do presente para o passado, mas são as memórias do passado que são protagonistas, por exemplo, dos sintomas neuróticos no presente. Nesse sentido, "o motor da temporalização do ser humano é a relação com o outro original" (Laplanche, 2006, p. 12), do adulto para a criança na situação antropológica fundamental. E serão as percepções de prazer e desprazer e o trabalho de traduzir as mensagens dirigidas à criança que influenciarão o curso dos investimentos dentro do aparelho psíquico (Laplanche, 2008c), e assim tornarão uma memória mais ou menos traumática.

Parece que pensar no tempo nos joga em um paradoxo, porque "o sonho vem do passado em todos os sentidos [...] Ao nos mostrar um desejo realizado, o sonho de fato nos leva ao futuro; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é criado pelo desejo indestrutível à imagem desse passado" (Freud, 1900[2017], p. 648). E "o inconsciente é da ordem do reprimido, portanto composto de significantes retirados de seu contexto referencial, e não da ordem da memória ou de uma cadeia implícita e oculta de significantes" (Tarelho, 2017, p. 37). Retratar o tempo como um processo psíquico em seus aspectos dinâmicos, topográficos e econômicos, passamos a nos referir a ele por meio de uma apresentação metapsicológica. A afirmação freudiana de que "os processos do sistema inconsciente são atemporais; isto é, não são ordenadas temporalmente, não mudam com o passar do tempo" (Freud, 1915/1976a, p. 192) permanece confiável e necessária. Pois, o inconsciente ignora o sentido do tempo justamente porque está inteiramente sujeito ao processo primário, regido apenas pelo princípio do prazer e não pelo processo secundário onde podemos localizar os efeitos do princípio da realidade e a subsequente compreensão do tempo (Laplanche, 2008c). No entanto, "o fator diferencial estabelecido entre os processos primário e secundário afeta fundamentalmente a relação que o sujeito estabelece com sua satisfação e a forma como a quantidade de energia que circula no aparelho psíquico é ativada" (Burgarelli & dos Santos, 2018, p. 664). Mas como o tempo está inscrito no aparelho psíquico? Isso só é possível como uma mensagem vinda do outro no processo educativo da criança em relação ao princípio de realidade. Isso é o que veremos na próxima seção.

Laplanche (2008b) distingue quatro níveis da noção de tempo: nível 1, que ele chama de tempo cosmológico ou tempo mundial. O nível 2 refere-se ao tempo perceptivo, o da consciência imediata ou mesmo "o tempo dos vivos" (p. 363). O nível 3 refere-se ao tempo da memória, da temporalização

do homem; O nível 4 é o tempo da história da sociedade humana como um todo. Agora, vamos refletir sobre o tempo do nível 2, o tempo cronológico, o tempo do relógio como nosso educador ou organizador de nossas rotinas na vida diária. Ora, é através da relação de cuidado entre o adulto e a criança (Nebenmensch) que a criança começa a organizar sua vida em termos de: hora de acordar, hora de brincar, hora de tomar banho, hora de comer, hora de ir à escola, hora de voltar para casa, hora de ir para a cama e receber um beijo de boa noite, e assim por diante... Mais tarde, todas essas coisas passarão a fazer parte da vida de todos os adultos, que as incorporarão em suas rotinas sem ter que pensar muito sobre por que as coisas são organizadas cronologicamente dessa maneira. É assim que o tempo chega até nós originalmente como "uma intrusão estranha e hostil" imposta pelos adultos" (Bonaparte, 1939, p. 61), ou seja, quando éramos crianças em nosso processo educacional.

De certa forma, todo o esquema do dia é integrado de fora. De acordo com a teoria da sedução generalizada - TSG (Laplanche, 1992), podemos interpretar essa estranha intrusão do tempo como uma mensagem do adulto. Pois, se a mensagem do outro se torna nossa própria palavra, isso também implica que o tempo do outro se torna nosso próprio tempo. É assim que o tempo nos habita e é simbolizado no início, tarde, dia, noite, hoje, amanhã, ano passado, próximo mês, feliz ano novo, etc. Em outras palavras, na situação antropológica fundamental, a criança em seu desamparo fundamental (Hilflosigkeit) não pode obter por seus próprios meios a satisfação de suas necessidades para sua sobrevivência. "O bebê, por sua imaturidade básica, seu desamparo, passa boa parte do tempo girando em torno desse astro-rei, o adulto com seu calor, que aquece e é fonte de vida, mas que também não para de queimar" (Tarelho, 2017, p. 19). E também está sujeita a uma espécie de "transbordamento de capacidades estruturantes por uma exuberância de mensagens para as quais não tem a chave, mas que sabe serem mensagens" (Laplanche, 1993, p. 184). E então, com os códigos de tradução retirados do meio social, do socius, ela começa seu trabalho de tradução das mensagens que lhe são dirigidas. Essas mensagens são hostis justamente por sua natureza enigmática, comprometida com a sexualidade inconsciente do adulto. Com isso, podemos atribuir ao tempo a categoria de mensagem (Laplanche, 2008a/1992) por estar relacionada à tarefa incomum de tradução da criança. E como mensagem, sempre carrega uma conotação traumática porque está comprometida com o sexual⁵.

A aprendizagem sobre o tempo ocorre por meio de relações inter-humanas, nas quais os adultos ensinam às crianças a noção de tempo, desde aprender a ler o tempo em um relógio pela posição dos ponteiros até treiná-los em sua rotina diária. Portanto, é como uma mensagem do outro que o tempo pode ser inscrito no aparelho psíquico. A criança acorda, levanta-se, corre, come, brinca, chora ou ri, num tempo que é sentido por ela como sendo muito mais longo do que o tempo do adulto. Este último,

⁵ Vale esclarecer ao leitor que Laplanche (2015) define a sexualidade da seguinte forma: "é múltipla, polimórfica. Uma descoberta fundamental de Freud, baseia-se na repressão, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise" (p. 155).

por sua vez, parece o tempo curto e rápido. O tempo da criança é de alguma forma imensurável. No entanto, a sensação de tempo infinito da criança não é perturbada até que ela atinja uma idade suficientemente madura, e só então ela possuirá o tempo do adulto e, como adulto, poderá observar a passagem do tempo, os limites de dias, semanas, meses e anos. Em contraste, "talvez os idosos encontrem mais ou menos algo do tempo infinito" (Bonaparte, 1939, p. 63, tradução minha) da criança.

O tempo só é percebido como uma "intrusão estranha e hostil" (Bonaparte, 1939, p. 61) porque é uma imposição dos adultos que acabam por implantar seu próprio tempo na criança. Consequentemente, é como mensagem do outro ou "comunicação parental" (Laplanche, 1993, p. 182) que o tempo é apreendido, metabolizado e traduzido. No entanto, também é preciso considerar que essa inscrição do tempo permanece sob a condição de que tomemos o sexual em seu rastro, na medida em que ele vem do outro como uma mensagem comprometida com o inconsciente sexual do adulto. Portanto, Laplanche (2008b) evoca o tempo arcaico, localizado no ritmo da primeira relação simbiótica com a mãe, que será incorporado a estilos parentais temporais específicos e que cada sujeito traduzirá de acordo com seu modo de estar no mundo, suas defesas e sua orientação no curso da existência. E com o amadurecimento psíquico, experimenta-se a complexidade das estruturas temporais de modo a integrar o tempo do mundo ou cosmológico, de nível 1 (Laplanche, 2008b).

Vemos Freud confrontando-se pouco a pouco, não sem dificuldade, ao longo de sua obra com os problemas que evocam o tempo. No primeiro período de seu trabalho, ele tentou representar, acima de tudo, o tempo linear, o tempo de estágios ou fases (oral, anal, genital), e em um período posterior ele preferiu se livrar do problema colocando o inconsciente fora do tempo. No entanto, essa afirmação da atemporalidade do inconsciente só faz sentido no tempo linear, mas talvez não se aplique ao tempo rítmico ou espiral (Duparc, 1997). Em outra fase, o tempo aparece na obra de Freud por meio da compulsão à repetição com seus dois aspectos: um aspecto atemporal, a serviço da pulsão de morte; e outro aspecto, o da regressão a serviço da vida, com tentativas de retornar temporariamente à simbiose do narcisismo primário. Observamos um tempo bastante circular ou espiral que se aplica ao tempo rítmico, em conexão com os efeitos mais primitivos, em que o prazer e o desprazer da pulsão dão prova de satisfação e dor, constituindo as bases do aparelho psíquico (Freud, 1920/1976d). Portanto, o que é decisivo na sensação de prazer-desprazer é a taxa de diminuição e/ou a taxa de aumento em um determinado tempo. Em outras palavras, o jogo de controle do princípio do prazer e além do princípio do prazer tem um ritmo, afinado, por exemplo, no neto de Freud, com o jogo da presença e ausência do objeto, o jogo do carretel com suas vocalizações: 'F-o-ord' ... Da!' (De Gueller, 2022), que evocam, em seu ritmo sincopado, uma espécie de dança em dois tempos. Isto é:

Prazer e desprazer não podem estar relacionados ao aumento ou diminuição de uma quantidade (tensão de excitação) [...], mas a um caráter que podemos designar apenas como qualitativo

[...]. Talvez seja o ritmo do fluxo temporal de mudanças, subidas e descidas na quantidade de excitação (Freud, 1924/1976e, p. 288).

Nosso equilíbrio instintivo dependerá de nossa tradução do ataque instintivo (sexual) inoculado em nós pelo outro (Laplanche, 2015; 2008d; 2008e), e muitas vezes traduzido como fantasias de espancamento no movimento de repressão secundária. Dessa forma, constitui as primeiras traduções das primeiras agressões dolorosas causadas pelo adulto na situação antropológica fundamental. E, sentida como um estranho interno, um enigma invadido em nós pela intervenção sedutora do adulto. Eis que "a sexualidade não aparece como um instinto isolado e discernível" (Laplanche, 2008b, p. 42), mas é por meio da teoria do suporte que a função vital se distancia de seu objeto natural e então se perde e aparece no campo da sexualidade, do instintivo. Pois, "a primazia do outro e seu enigma não terminam necessariamente quando a relação concreta adulto-criança desaparece" (Laplanche, 1999b, p. 5). O sexual que continua dentro de nós nos ataca e nos faz falhar na tradução, uma tradução que falha (parcialmente) diante do ataque interno.

Vale ressaltar que a sedução original pela qual vem a noção de tempo, o tempo do outro, resultará do esforço tradutório do bebê para decifrar tais mensagens, sejam elas intrusões (que ocorrem rotineiramente e são menos ameaçadoras) ou implantações (mensagens percebidas como ameaçadoras, justamente pela natureza involuntariamente invasiva da sexualidade). Portanto, tais mensagens podem ser traduzidas por meio de canais culturais facilitados e outras podem causar intrusões, permanecendo como restos embutidos, impossíveis de serem simbolizados (Laplanche, 2008a; 2008b). Dito isso, podemos pensar não apenas nos efeitos psíquicos e instintivos da oposição interno-externo (tempo interno/tempo externo) inerente à delimitação e aos limites do self com o recalque primário (Laplanche, 2008c), mas, sobretudo, a tradução do tempo vem com o recalque secundário. Em outras palavras, o código do tempo está incluído na série dos chamados cenários originais, sejam eles a cena original, castração ou Édipo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tempo é experimentado de maneira muito diferente, dependendo da idade em que é experimentado. Quando pensamos nas especificidades da psicoterapia na velhice, o tempo é um importante elemento de análise, pois não estamos lidando com a experiência adulta do tempo, mas com a experiência do tempo infinito semelhante à experiência do tempo na infância. No entanto, os idosos têm toda uma história de vida que as crianças não têm e isso não pode ser desconsiderado. O tempo infinito ocorre na velhice devido à condição básica e intransponível da experiência do desamparo (Hilflosigkeit). Então:

À medida que as pessoas envelhecem, elas se tornam potencialmente ou realmente mais fracas do que as pessoas mais jovens. Eles se tornam visualmente mais dependentes um do outro. [...] Há pessoas que precisam ser alimentadas, colocadas no banheiro e limpas como crianças pequenas (Elias, 2001, p. 82-83).

Isso também significa que o tempo infinito vem como uma resposta ao fato de que o "inconsciente de cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade" (Freud, 1915/1976b, p. 328 e 335), os idosos desprezam a possibilidade de morrer e a experiência do tempo infinito é uma situação em que novas possibilidades de desejo são jogadas fora e criadas. Por outro lado, é a afirmação de um Bergson (1896/1990) que nos diz que o tempo é experimentado como interior ao homem, consubstancial ao seu fluxo vital. Dessa forma, o tempo é como um pulso hipercomplexo, um emaranhado de ritmos e escansões, de eternidades e passagens efêmeras, de repetições e evolução.

Por outro lado, quando falamos de tempo infinito, uma pergunta merece ser feita: as distinções entre passado, presente e futuro são essenciais ao tempo? De acordo com McTaggart (2014), tais distinções "não são essenciais ao tempo" (p. 754) porque cada unidade de tempo forma uma série permanente que é presente, passado e futuro. "Admite-se que é essencial ao tempo que cada um de seus momentos seja antes ou depois de cada um dos outros momentos" (p. 754). Se o evento A é passado, foi presente e futuro. Se for futuro, será presente e passado. Se está presente, foi futuro e será passado. Assim, todas as três séries são previsíveis. Como não pode haver tempo sem uma série, a distinção entre passado, presente e futuro só faria sentido dentro de cada série, então haveria muitos presentes, por exemplo. O tempo envolve mudança e a única mudança que podemos ter é a do curso da vida. Uma coisa é certa: o tempo cíclico não nos permite diferenciar entre passado, presente e futuro, e o tempo organizado de acordo com o princípio do prazer conhece apenas a repetição, ou organiza a cronologia à sua maneira, na ordem que atende ao desejo. Mesmo em seu nível inconsciente, a pulsão só pode ser satisfeita com um caminho que parte de uma origem, para atingir um objetivo, de acordo com um ritmo; uma trajetória circular animada por seu impulso constante. "Por tudo isso, acreditamos que existe no inconsciente um tempo rítmico, ligado aos afetos de prazer e desprazer, mesmo que não seja objeto de uma representação elaborada ao longo do passado-presente-futuro" (Duparc, 1997, p. 1489).

O tempo que experimentamos nos sonhos não se assemelha ao da vida desperta. Uma atmosfera estranhamente mágica nos envolve, nossos desejos são realizados, superando demandas espaciais e temporais.

Em nossos braços jazem entes queridos relutantes ou entes queridos doentes que voltam à saúde, ou mesmo envelhecemos ou simplesmente nos tornamos crianças novamente, o tapete de Aladim nos carrega pelo ar através do qual cavalgamos o sol e as estrelas, somos jovens para sempre (Bonaparte, 1939, p. 66, tradução minha).

Por outro lado, assim que usamos o tempo, ele se destrói. Ter tempo para si nunca significa ter diante de si aquilo que ainda não desfrutou, "porque viver o tempo é morrer" (Bonaparte, 1939, p. 65). De acordo com alguns psicanalistas (Duparc, 1997; Roussillon, 1997; Guillaumin, 1997), a sensação de estar imerso em um tempo com um espaço infinito, como a rotação de uma grande roda cósmica ou cair ao longo de uma linha ilimitada, nos leva a todos à sensação de ameaça de sermos levados sem controle. E, "este tempo tem o paradoxo de ser apenas uma variedade de espaço" (Duparc, 1997, p. 1429, tradução minha).

Essa questão dos ritmos temporais específicos de cada um de nós talvez seja uma das mais conflitantes, seja na adaptação à realidade de um ritmo por outro, seja em si mesma para entender o outro sexo, e na vida cotidiana, por exemplo, nas ações de um casal. A temporalidade do masculino e do feminino nos permite estudar o tempo na psicanálise mantendo-nos próximos do corpo erótico e da psicosexualidade, evitando assim a armadilha filosófica de uma racionalidade pura do tempo da consciência que visa alcançar a temporalidade previsível do mundo físico (Duparc, 1997). Assim, o tempo sexualizado é simultaneamente um tempo do corpo, do inconsciente e do ser vivo com seus afetos e representações; não pode ser apenas uma condição a priori da consciência. Só uma visão complexa do tempo, nascida do encontro de múltiplas temporalidades específicas de ambos os sexos, através das figuras nascidas do seu encontro, pode conduzir a um tempo vivo.

O trabalho de integração e complexificação do Superego não resulta apenas do período de latência que se segue ao declínio do Complexo de Édipo (Freud, 1924/1969); Atua em ambos os períodos: adolescência e velhice. Nessas duas fases da vida, caracterizadas por uma crise de identidade e uma reorganização econômica dos investimentos, o papel do ambiente sociocultural é muito importante, pois depende da realização de um projeto onde o outro é a condição de um sucesso sempre aleatório. Como resultado, nesses dois estágios, o apoio do Superego-Ideal cultural da sociedade desempenha um papel tutor não insignificante na superação da crise.

Ao contrário da adolescência, a velhice motivou Freud a considerá-la um limite para a psicanálise. A idade avançada seria uma contraindicação para a cura, uma vez que os idosos não têm mais a plasticidade dos processos psíquicos nos quais se baseia a terapia. Freud (1914/1970) evoca o retraimento narcísico da libido do homem idoso. É verdade que os idosos enfrentam grandes perdas e lutos, que às vezes excedem suas forças: luto por seus entes queridos, suas capacidades físicas e sexuais, sua autonomia. Simetricamente, o analista pode se sentir incapaz de realizar um trabalho analítico com um sujeito que terá que chorar antes do final do tratamento, ou com o confronto de sua própria morte. Por outro lado, o luto também é um trabalho da instância egoica em dois estágios: o da decomposição e o da recomposição de si mesmo. Assim, "na velhice, muitas vezes, há tanto perdas que levam ao trabalho psíquico, quanto uma imposição do trabalho psíquico que leva a perdas,

transformações do eu" (Matos & Belo, 2021, p. 648). Além desses lutos, há possibilidades de subjetivação e conquistas específicas do sujeito idoso. Um resultado subjetivo favorável pode ser encontrado na constituição de uma identidade de memória, na triagem crítica da experiência vivida para organizá-la em uma herança superegoica que pode ser assimilada pelas gerações futuras. E na actividade de transmissão, o idoso pode encontrar a sua dignidade para poder colher no final da vida o prestígio e a sabedoria que são os seus frutos.

Nas sociedades africanas e entre os povos ameríndios, os idosos são geralmente a memória da comunidade e desempenham um papel na transmissão da sabedoria e da cultura. Por outro lado, os idosos muitas vezes não anteciparam essa fase de suas vidas, ou não estavam suficientemente preparados para ela, ou a sociedade em que vivem se acostumou a isolá-los em uma casa de repouso (Elias, 2001). No entanto, para isso, os idosos encontram muitas dificuldades. Para lamentar como deveriam, eles precisariam do apoio do Superego-Ideal da comunidade, para ajudá-los a se colocarem a serviço de sua participação na herança comum. No entanto, a sociedade de hoje, inteiramente imbuída de uma ideologia de sedução por ser jovem e bonita, eficiente e bem-sucedida, por velocidade e urgência, não lhes dá nenhum apoio para essa tarefa. A velhice ativa inscrições sexualizantes e, juntamente com as formas de se relacionar com os outros, com o tempo e com a finitude, desperta enigmas e impõe uma exigência de simbolização diante do corpo em debilitação. Há uma não linearidade do tempo ligada ao desamparo da necessidade do outro na situação original (situação antropológica fundamental) quando criança, e nas atualizações subsequentes dessa situação ao longo da vida (Matos & Ribeiro, 2021). Na velhice, as implicações da perda constante de objetos de amor levam a uma forte tendência a reviver um desamparo ligado à sensação de fragilidade do corpo e à realização da própria finitude sentida em um tempo lento e progressivo.

Dito isso, podemos pensar nos efeitos psíquicos e instintivos do esgarçamento das fronteiras do self (Carvalho, 1996) inerentes ao envelhecimento, que se refere ao tempo como um emaranhado de ritmos surdos. E esse tecido desgastado e desgastado de cadências temporais às vezes nos joga no infinito da imortalidade e às vezes na desordem dos ritmos cíclicos de prazer e desprazer. O analista não pode se contentar em ignorar o tempo, acreditando que está imitando o inconsciente. Traços atemporais e indefinidamente repetidos não se desenvolvem por si mesmos; eles precisam de uma lacuna, uma representação dessa lacuna e uma elaboração. Algumas experiências, se apenas repetidas (em encontros ruins), podem ser piores do que as anteriores, às vezes devido a vestígios que parecem conter reservas negativas, tendendo a fazer com que qualquer novo encontro não consiga reverter o tempo.

4 CONCLUSÕES

Nossos resultados indicam que no itinerário e no tempo inconscientes, o sentimento de imortalidade ilusória corresponde a um tempo que não destrói mais, mas a um tempo que preserva, a um tempo que cria. É o resultado da reverberação do nosso inconsciente que "não acredita na própria morte, mas se comporta como se fosse imortal" (Freud, 1915/1976b, p. 328 e 335). Então, um belo dia ou noite, quando estivermos cansados, nossa consciência já enfraquecida e enfraquecida por nossa longa vida, então fecharemos os olhos e nos entregaremos à doçura da morte, cuja previsão perdemos com o tempo infinito. A total ausência de relações entre o inconsciente e o tempo parece-me um excesso que só pode ser concebido admitindo-se o tempo cíclico, repetitivo e, sobretudo, os ritmos inscritos no aparelho psíquico no ritmo do prazer-desprazer.

O tempo não é uma coisa simples; é simplesmente um conceito quase irrepresentável, sempre escapando a quem procura defini-lo. Portanto, uma metapsicologia do tempo é percebida como uma corda trançada com alguns fios, cujo fio vermelho seria o desejo. Ou como um rio com redemoinhos que podem virar de cabeça para baixo qualquer um que se aventure em suas águas. O tempo é sempre o tempo do outro, cuja ressonância permanece na duração do sujeito que lhe dá sentido.

REFERÊNCIAS

- ASKOFARÉ, S. O inconsciente é o tempo. Campo Lacaniano, 2008. Disponível em: <https://www.champlacanien.net/public/docu/1/rdv2008pre10.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.
- ASSOUN, P.-L. Metapsicologia freudiana: uma introdução. Tradução de D. Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- BAIXO, A. O status de uma analogia: psicanálise e física. Imago Americano, v. 54, n. 3, p. 235-256, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26304347>. Acesso em: 16 out. 2024.
- BERGSON, H. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Obra original publicada em 1896).
- BONAPARTE, M. O inconsciente e o tempo. Revue Française de Psychanalyse, v. 11, n. 1, p. 61-105, 1939.
- BONAPARTE, M.; FREUD, S. Correspondência completa: 1925-1939. Edição de R. Amouroux; tradução de O. Manonni. Paris: Flammarion, 2022.
- BURGARELLI, C. G.; DOS SANTOS, D. P. Inconsciente, linguagem e pensamento. Estilos da Clínica, v. 23, n. 3, p. 655-669, 2018.
- CARDOSO, M. R. Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: RIBEIRO, P. de C. (Org.). Por que Laplanche? São Paulo: Zagodoni, 2017. p. 81-104.
- CAREGGIO, A. Física quântica no sofá de Freud. Cosmos e História: O Jornal de Filosofia Natural e Social, v. 14, n. 2, p. 304-314, 2018.
- CARVALHO, M. T. M. Paul Federn: Outro caminho para a teoria do eu. Paris: PUF, 1996.
- DE GUELLER, A. J. S. Ford-dá, o jogo da criança. In: FLORSHEIM, D. B. (Org.). Vozes da Psicanálise: clínica, teoria, pluralismo. São Paulo: Blucher, 2022. v. 1, p. 29-33.
- DUPARC, F. Tempo na psicanálise, figuração e construção. Revue Française de Psychanalyse, LXI, p. 1429-1588, 1997. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61069843/f5.item#>. Acesso em: 16 out. 2024.
- ELIAS, N. A solidão dos moribundos, seguido de "Envelhecer e morrer". Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: JZE, 2001.
- FARJANI, A. Psicanálise e Quantum: a ligação entre a psicanálise e a física quântica. [S.l.: s.n.], 2013.
- FINGERMANN, D. O tempo na experiência da psicanálise. Revista USP, n. 81, p. 58-71, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13731/15549>. Acesso em: 16 out. 2024.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 1, p. 150-365. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).

- FREUD, S. O inconsciente. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 14, p. 191-239. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1915).
- FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 14, p. 311-339. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1915).
- FREUD, S. Uma nota sobre o Bloco Mágico. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 19, p. 285-294. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obra original publicada em 1925 [1924]).
- FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 18, p. 17-29. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1920).
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 19, p. 199-216. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 14, p. 98-108. Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Vol. 19, p. 217-228. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Tradução de R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017. (Texto original de 1900).
- GARCEZ, M. M.; COHEN, R. H. P. Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 3, p. 348-362, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a02.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.
- GONDAR, J. Winnicott, Bergson, Lacan: Tempo e Psicanálise. *Ágora*, v. IX, n. 1, p. 103-117, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/wfBPsF9ndVxFRTcXnTWzYLL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2024.
- GUILLAUMIN, J. Quinze estudos psicanalíticos sobre o tempo. Em: *Trauma e consequências*. Toulouse: Privat, 1982. p. 14-66.
- VERDE, A. O tempo em questão. *Psicanálise na Universidade*, n. 10, p. 195-201, 1985.
- JONES, E. Apêndice A: excertos variados da correspondência. In: JONES, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Tradução de J. C. Guimarães. Vol. 3, p. 449-450. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de V. Rohden. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Obra original publicada em 1787).

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 197-205.

LAPLANCHE, J. Problemática V: a tina: a transcendência da transferência. Tradução de P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, J. Questões VI: As consequências. Paris: Quadrige / PUF, 2006.

LAPLANCHE, J. Implantação, intromissão. Em: LAPLANCHE, J. A Revolução Copernicana Inacabada (Travaux 1967-1992). Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 355-358. (Trabalho original publicado em 1992).

LAPLANCHE, J. Tempo e o outro. Em: LAPLANCHE, J. La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992). Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 359-384. (Trabalho original publicado em 1992).

LAPLANCHE, J. Temporalidade e tradução. Em: LAPLANCHE, J. A Revolução Copernicana Inacabada (Travaux 1967-1992). Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 317-335. (Trabalho original publicado em 1992).

LAPLANCHE, J. A posição original do masoquismo no campo do impulso sexual. Em: LAPLANCHE, J. A Revolução Copernicana Inacabada (Travaux 1967-1992). Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 37-58.

LAPLANCHE, J. Masoquismo e a teoria da sedução generalizada. Em: LAPLANCHE, J. A Revolução Copernicana Inacabada (Travaux 1967-1992). Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 439-456.

LAPLANCHE, J. Novos fundamentos para a psicanálise. Tradução de C. Berliner e E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATOS, V. B.; BELO, F. R. R. Transformações do eu na velhice: consequências psíquicas e para a prática clínica. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 24, n. 3, p. 641-664, 2021. DOI: <10.1590/1415-4714.2021v24n3p641.9>.

MARTIN, F.; CARMINATI, F.; CARMINATI, G. G. Teoria da informação quântica aplicada ao inconsciente e à consciência. NeuroQuantologia, v. 11, n. 1, p. 16-33, 2013. Disponível em: <https://jneuroquantology.com/index.php/journal/article/view/628>. Acesso em: 16 out. 2024.

MCTAGGART, E. A irrealidade do tempo. Tradução de César Schirmer dos Santos. KRITERION, v. 130, p. 747-764, 2014. DOI: <10.1590/S0100-512X2014000200017>.

MEZAN, R. O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019.

PIMENTA, A. C. O tempo em Freud. Estudos de Psicanálise, n. 41, p. 59-66, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n41/n41a06.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

RAOULT, P.-A. Temporéisation, temporalité et temporalisation en psychoanalyse. Clinicas Mediterrâneas, v. 1, n. 73, p. 231-253, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cliniques-mediterraneennes-2006-1-page-231.htm>. Acesso em: 16 out. 2024.

RIBEIRO, S. D. O tempo do inconsciente. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, v. 7, n. 3, p. 28881-28893, 2021. DOI: <10.34117/bjdv7n3-553>.

RIBEIRO, S. D. Quantum (plural: quanta) psíquico(s). In: FLORSHEIM, D. B. (Org.). *Voices da psicanálise clínica, teoria, pluralismo*. Vol. 01. 1900-1942. São Paulo: Blucher, 2022. p. 283-287.

RIBEIRO, S. D.; BELO, F. Falo passivo e sedução originária. *Memorandum*, v. 35, p. 205-223, 2018.

SANTOS, M. N.; RIBEIRO, S. D. Psicanálise e Física Quântica: O que são os quanta psíquicos? *Revista Reverso*, v. 44, n. 84, p. 79-86, 2022.

SANTIAGO, J. A sessão lógica: extrair o tempo de sua duração. *Opção Lacaniana OnLine*, 2004. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n1/pdf/artigos/Sansessao.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

TARELHO, L. C. O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In: RIBEIRO, P. de C. et al. (Org.). *Por que Laplanche?* São Paulo: Zagodoni, 2017. p. 15-49.